

A TAL DA TEMÁTICA DA INCLUSÃO: POSTURA EFETIVA OU MERO ASSISTENCIALISMO?

AVELLAR, Marcela

ESCOLA SUPERIOR DE CRUZEIRO (ESC)

Resumo: A temática da inclusão, ocupa certamente, um lugar de destaque em meio aos debates propostos nos atuais cenários educativos. Porém, o fato dessa questão ser discutida não supre por si só, as necessidades de sua inserção no cotidiano escolar, já que existe um enorme distanciamento entre o discurso e sua implementação na prática pedagógica. Nesse sentido, a presente pesquisa objetivou: a) realizar um levantamento bibliográfico reunindo reflexões pautadas em fontes relevantes que se propusessem a discutir o assunto distanciando-se de uma visão simplesmente ‘benevolente’ e ‘utópica’; b) investigar como alguns professores de Educação Física compreendem o conceito de inclusão nesta disciplina; c) entender quais estratégias são utilizadas por estes para sua inserção no contexto educacional e por fim, d) registrar e analisar as possíveis dificuldades dos docentes em planejar e aplicar aulas inclusivas, que possibilitem tanto a participação daqueles que possuem maiores dificuldades, ao mesmo tempo que considerem a integração e desenvolvimento dos alunos mais habilitados (o que consiste no verdadeiro “x” da questão!). Para tanto, utilizou-se como métodos uma revisão bibliográfica inicial seguida de uma pesquisa de campo descritiva qualitativa por meio da aplicação de uma entrevista semi-estruturada composta por 04 questões abertas a 07 professores de Educação Física de municípios do interior do estado, localizados no Vale do Rio Paraíba. Foram transcritas de forma literal, as opiniões e declarações que se fizeram mais relevantes no estudo, sendo estas apresentadas por meio de quadros e discutidas a partir do levantamento de literatura realizado. No primeiro momento do estudo, evidenciaram-se referências curiosas a respeito de exemplos de atividades inclusivas - tais como a “queimada imperial” ou o “esporte por quadrantes” – que certamente fomentam interessantes questionamentos e percepções sobre como oportunizar vivências PLENAS a diferentes perfis nas aulas. Já na entrevista realizada, percebeu-se que a compreensão deste conceito por parte dos sujeitos entrevistados, encontra-se muitas vezes atrelada a uma visão reducionista do termo, a qual engloba apenas a adaptação de alunos portadores de algum tipo de deficiência. Por fim, a maioria dos docentes relata apresentar dificuldades em utilizar estratégias que viabilizem a participação integral e democrática da totalidade dos alunos, o que nos leva a considerar a emergente necessidade de ampliação dos

debates neste campo, ao expor e colocar em evidência diversas fragilidades por baixo do véu que recobre a ideia de uma ‘pseudo-integração’.

Palavras-chave: Conceito de inclusão. Estratégias pedagógicas. Educação Física Escolar.

Introdução

Quando se discute sobre a Educação Física nas escolas, um dos grandes questionamentos que se apresenta na atualidade é: como propiciar a existência de uma classe heterogênea, onde todos interajam respeitando-se as diferenças? Dentre as respostas mais adequadas para essa temática, a **inclusão** encaixa-se como a palavra-chave. César (2003, apud SANCHES; TEODORO, 2006, p. 70) defende o conceito da escola inclusiva como meio de promoção das diferenças, permitindo assim, que o aluno entenda que o meio escolar é composto por uma pluralidade de comportamentos e pensamentos - o que transforma as aulas de Educação Física e as torna mais eficazes, produtivas.

Segundo Brasil (2016, p. 211), a Educação Física, no seu contexto geral, “oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural.” Mas apenas isso não contém a evasão dos alunos; em especial, quando as aulas em si, não proporcionam a possibilidade do discente participar de forma livre, plena e espontânea.

Essa problemática se dá por conta de estratégias didáticas deficientes, as quais muitas vezes, privilegiam os mais habilidosos e prejudicam os que tem menor aptidão (seja esta, motora ou cognitiva), desmotivando assim a prática integral dos alunos.

Porém, que outros fatores podem favorecer ou comprometer uma real adoção deste princípio? Será que os professores encontram-se suficientemente preparados para concretizar esta realidade?

A Temática da Inclusão sob a ótica da Educação Física Escolar

Com base em diversas reflexões propostas atualmente em nossa área, verificamos que um modelo essencialmente centrado no rendimento motor e na perfeita execução técnica e mecânica do gesto, jamais poderá abrigar de forma satisfatória o alcance de planos ideais de

desenvolvimento do educando, visto que este enfoque, além de se tratar de um processo ‘não-inclusivo’, mostra-se insuficiente às necessidades gerais de um indivíduo.

Desta forma, alguns referenciais teóricos evidenciam o princípio da inclusão como alternativa a ser adotada. Sobre ele, Brasil (1998, p. 19) nos cita que: “A sistematização de objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas.”

Já Darido (2003, p. 10) ao tecer considerações a respeito da abordagem pedagógica denominada “Sistêmica”, também nos cita que:

Alguns princípios [...] foram apresentados por Betti (1991). O mais importante é denominado princípio da ‘não-exclusão’, segundo o qual nenhuma atividade pode excluir qualquer aluno das aulas da Educação Física. Este princípio tenta garantir o acesso de todos os alunos às atividades da Educação Física.

Numa tentativa de transpor o discurso pedagógico, promovendo a implementação de tal proposta na prática, citamos também as contribuições do pesquisador Muska Mosston (1981) para que esta ação se efetive, ao estabelecer as bases metodológicas do estilo de aula denominado ‘inclusão’.

Sobre ele, GOZZI E RUY (2008, p. 365) relatam que “o objetivo do estilo é atender as diferenças individuais e fazer com que ninguém se sinta excluído da tarefa. O aluno aprende a avaliar sua execução e decide sobre o próximo nível, aprendendo a aceitar as diferenças individuais.”

Ou seja, trabalhar sob a ‘ótica inclusiva’ consiste em adaptar a estrutura da aula à diversas condições de execução, em diferentes níveis de complexidade, para que cada aluno possa buscar a solução que lhe permite cumprir o objetivo fixado.

Tibeau (2011, p. 86-87) relata ainda que:

O Estilo Inclusão propõe criar condições para que todos os alunos participem, estabelecendo diferentes níveis de execução do exercício. É característica comum de algumas brincadeiras e jogos infantis a eliminação daquele que erra. Isso também acontece em algumas (senão muitas) aulas de Educação Física. [...] Neste estilo, o aluno é estimulado a buscar novas respostas, a inventar, a aprender a aprender, ir além do conhecido e o professor, torna-se mediador e facilitador da construção de conhecimento do aluno. Isso exige que o professor esteja preparado para propor problemas e situações relevantes, aceitando e valorizando as ideias e soluções encontradas pelos alunos.

Tal método, além de apresentar um quadro geral que permite a participação mais ativa dos sujeitos, tornando-se realmente protagonistas na produção de seu próprio conhecimento,

favorece ainda um maior aprimoramento do aluno em questões como ampliação de sua autonomia e do auto-conhecimento.

Porém, há que se considerar a complexidade de camadas que envolvem trabalhar em busca do alcance deste propósito. Por diversas vezes, as tentativas de adaptação das atividades à diversidade de alunos existente em uma turma, focando-se em especial, naqueles considerados ‘menos habilidosos’, pode produzir produtos contrários à meta inicialmente estabelecida, promovendo o desacordo e principalmente, a segregação entre os estudantes.

Num estudo realizado por Altmann (1998, p. 71), é possível perceber um exemplo deste quadro, a partir do seguinte relato:

Um recurso utilizado por ela [professora de Educação Física] em algumas aulas era o de criar regras específicas que possibilitassem uma maior participação feminina no jogo: condicionava-se o gol ao toque de todos os jogadores ou autorizava-se apenas às meninas a marcá-los. Entretanto, essas regras, ao impedirem que um jogador livre de marcação, em frente à goleira, marcasse um gol, quebravam a dinâmica do jogo, e as meninas eram culpadas por isso, pois fora por causa delas que as regras haviam sido modificadas.

Estabelece-se, portanto, o grande dilema que envolve a presente temática: como propiciar a participação daqueles que possuem maiores dificuldades, ao mesmo tempo em que também se ofereça condições que configurem desafios adequados aos alunos mais habilidosos?

Numa humilde intenção de propor alguns direcionamentos a esta questão, realizamos um recorte no estudo de REIS et. al. (2018), citando a estrutura proposta em duas atividades intituladas “queimada imperial” e “esporte por quadrantes”.

Na primeira atividade – que utiliza o esqueleto do jogo de queimada tradicional – são nomeados e atribuídos diferentes papéis e funções aos jogadores, de igual relevância na partida, valorizando-se diferentes habilidades dentre estes. Desta forma, indivíduos que possuem características de desempenho diferenciadas, podem sentir-se integrados, sem necessariamente recorrer à criação de regras especiais - que se por um lado, oportunizam condições, por outro podem estigmatizar e firmar o famoso esteriótipo do indefeso “café-com leite”.

Já em “esportes por quadrantes”, temos regras e papéis igualitários na atividade, porém, a área de movimentação individual de cada um é delimitada, estabelecendo um novo desafio para alunos que possuem grande habilidade em deslocar-se ou driblar adversários, ao passo que favorece a chegada da bola aos demais - que por conta do constante rodízio de posições - ora estão posicionados de forma muito vantajosa, em espaços próximos ao gol, ora ocupam um papel essencial no repasse da bola aos aliados ou na interceptação da trajetória adversária.

Muito embora as atividades supracitadas constituam dois breves exemplos de estratégias inclusivas que buscam se distanciar de soluções assistencialistas, como a simples imposição de regras facilitadoras no jogo, um universo de outras possibilidades pode e deve ser explorado, tornando as propostas não só possíveis, mas desafiadoras e motivantes de serem executadas por todos.

Objetivos

Objetivo geral: Investigar como professores de Educação Física compreendem o conceito de inclusão nesta disciplina e entender quais estratégias são utilizadas para sua inserção no contexto educacional.

Objetivos específicos:

- a) realizar um levantamento bibliográfico reunindo reflexões pautadas em fontes relevantes que se propusessem a discutir o assunto distanciando-se de uma visão simplesmente ‘benevolente’ e ‘utópica’;
- b) investigar como alguns professores de Educação Física compreendem o conceito de inclusão nesta disciplina;
- c) entender quais estratégias são utilizadas por estes para sua inserção no contexto educacional e por fim,
- d) registrar e analisar as possíveis dificuldades dos docentes em planejar e aplicar aulas inclusivas, que possibilitem tanto a participação daqueles que possuem maiores dificuldades, ao mesmo tempo que considerem a integração e desenvolvimento dos alunos mais habilidosos.

Método

Como método foi adotada a revisão bibliográfica seguida de uma pesquisa de campo descritiva qualitativa por meio da aplicação de uma entrevista semi-estruturada composta por 04 questões abertas a 07 professores de Educação Física de municípios do interior do estado, localizados no Vale do Rio Paraíba. Foram transcritas de forma literal, as opiniões e declarações que se fizeram mais relevantes no estudo, sendo estas apresentadas por meio de quadros e discutidas a partir do levantamento de literatura realizado.

Resultados

Após a fundamentação teórica, buscou-se realizar uma pequena entrevista semi-estruturada direcionada à amostra citada, versando-se sobre a exploração dos seguintes questionamentos:

Questão 01: Como você, professor, compreende o conceito de inclusão?

Neste item, a totalidade de respostas refere-se à necessidade de adaptação das aulas aos alunos, onde, no entanto, 04 professores realizam o estreitamento desta condição citando o termo “alunos deficientes” ou “diferenciados”, sugerindo certa preocupação em criar ajustamentos somente em face da presença destes.

Questão 02: Você utiliza estratégias para propiciar a inclusão dos alunos em suas aulas? Em caso afirmativo, exemplifique.

Nesta segunda pergunta, todos os docentes relatam medidas de transformação de regras do jogo tendo em vista somente o atendimento de alunos menos habilidosos. Foram citadas ações como: “todos devem tocar a bola antes de fazer o gol” ou “o gol só poderá ser feito pelos alunos ‘x’ (menos habilidosos), bem como a ação de conferir funções como “juiz da partida” e “anotador de pontos”.

Pergunta 03: Você enfrenta algum tipo de dificuldade ao tentar propor tais estratégias inclusivas? Em caso afirmativo, de que tipo?

Novamente aqui, os entrevistados de forma unânime afirmam possuir grandes dificuldades de se criar ou lidar com situações inclusivas, principalmente no tocante à satisfação e motivação ampla dos alunos.

Pergunta 04: Para você, esta temática configura uma postura relevante a ser explorado/adotada nas aulas de Educação Física?

Todos os sujeitos, por fim, afirmam que este se caracteriza como um importante caminho a ser trilhado por todos os educadores, em busca não só de ampliar a democratização do acesso aos alunos, mas também, de contribuir para maior crescimento e valorização da disciplina em meio ao contexto escolar.

Conclusão

Diante da emergente evolução, crescimento e transformação sofrida pela sociedade, é imperioso que se considere a importância da reflexão e descoberta de novos caminhos que busquem uma maior democratização do ensino.

Neste sentido, a temática da Inclusão mostra-se bastante satisfatória, quando se caracteriza como uma metodologia de atuação que supera a simples formulação do discurso e apresenta direcionamentos que são capazes de nortear os profissionais sobre como implementar na prática, os importantes conceitos emulados por estas proposições teóricas.

Percebeu-se no entanto, que ainda existe grande dificuldade por parte dos sujeitos entrevistados em consolidar esta tarefa, não só por conta de uma compreensão limitada do conceito, mas principalmente, pela complexa missão que envolve a tentativa de propor estratégias capazes de alcançar perfis tão desiguais, com diferentes características e necessidades nas aulas.

Em face do exposto, espera-se que o presente estudo possa fomentar o debate e a reflexão acerca da necessidade de se voltar o olhar para a multiplicidade heterogênea de indivíduos que abriga o contexto educacional, propondo a adoção de posturas mais efetivas e concretas, colaborando, assim, para ampliação da qualidade do ensino.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** BNCC. Brasília/DF: 2016. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br> Acesso em 30 de mar. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAÓLIO, Jocimar; FERREIRA, Flávia Martinelli. Educação Física, escola e inclusão: Alguns Desencontros. **Kinesis**, Santa Maria, v 2, p.52-68, 2014.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. 7ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2013.

GOZZI, Márcia Cândida. RUETE, Teixeira Helena Maria. Identificando estilos de ensino em aulas de educação física em segmentos não escolares. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, 2006, p.117-134.

GOZZI, Márcia Cândida. RUY, Marcela Prado. Identificando estilos de ensino em aulas de educação física. **Revista movimento e percepção**. Espírito Santo do Pinhal/SP. v. 9. n. 13 - jul/dez, 2008.

KRUG, Dicerma Franceschetto. **Metodologia do Ensino**: educação física. 1ª ed. Curitiba: JM Livraria Jurídica, 2009.

SANCHES, Ives; TEODORO, A. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, 2006, n. 8. Disponível em <<http://www.redalyc.org:9081/html/349/34918628005/>> Acesso em: 11 de abr.2018.

TIBEAU, Cynthia Pasqua M. **Didática com Criatividade**: uma abordagem na educação física. São Paulo: Ícone, 2011.